

**A COMÉDIA
MUNDANA**

A COMÉDIA MUNDANA

Três novelas policiais sacanas

Luiz Biajoni

Copyright © 2013 Luiz Biajoni

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Editor

Hugo Gonçalves

Assistente editorial

Rebeca Fuks

Revisão

Suelen Lopes

Ilustração de capa

Benício da Fonseca

Capa

Edson Gouvea – Plenna

Editoração

Leandro Collares (Selênia Serviços)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B471c

Biajoni, Luiz

A comédia mundana: três novelas policiais sacanas. / Luiz Biajoni. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Língua Geral, 2013.
480 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-60160-88-4

1. Novela brasileira. I. Título.

13-05871

CDD: 869.93

CDU: 821.134(81)-3

07/10/2013 08/10/2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Língua Geral Livros Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 336

Rio de Janeiro — RJ — 22451-040

Tel.: (21) 2279-6184

Fax: (21) 2279-6151

www.linguageral.com.br

Em memória de Renzo Camargo

Este livro é uma obra de ficção, qualquer semelhança com a realidade é uma coincidência e uma safadeza do acaso.

SUMÁRIO

Sexo anal — Uma novela marrom	9
Buceta — Uma novela cor-de-rosa	183
Boquete — Uma novela vermelha	313

SEXO ANAL – UMA NOVELA MARROM

Se é a razão que faz o homem, é o sentimento que o conduz.

Rousseau

— Lu, eu vou operar.

— ...

— É, eu já decidi. Vou operar!

Ele olhou bem aquela cara de mulher decidida, aqueles olhos faiscantes... Desceu um pouco mais e viu os peitos pequenos, com aréolas douradas. E mais abaixo a barriguinha pouco saliente, o umbigo bonito e os pentelhos caramelo. Virou de lado para pegar um cigarro, ainda com a imagem do emaranhado de pelinhos na memória. Dali a pouco o pau ia ficar duro de novo.

— Operar do quê, Vi?

— Da hemorroidal!

Ele acendia o cigarro e quase engasgou com a fumaça, rindo. Não gargalhando, rindo.

— Por quê? Está atrapalhando? Quero dizer... Está doendo quando fazemos?

— Tem dia que dói um pouco mais. Eu adoro dar por trás pra você... E agora estou um pouco incomodada com essa... essa...

hemorroida. Eu posso operar e aí, quando estiver com tudo novinho em folha, te dou... Vai ser quase um desvirginamento!

— Vou desvirginar Virgínia!

E fez um gesto com o braço, como se estivesse enfiando o braço inteiro nela. Eles riram, gargalharam. Ele se sentia feliz por ela ter dito aquilo. Considerava-se um cara de sorte: a garota era bonita, inteligente, charmosa, gostava de sexo e mais: adorava “por trás”, como ela costumava dizer. Sempre, no meio da transa, ela dizia: “agora por trás.” Ele também gostava, achava interessante, claro. E passou a gostar cada vez mais. Passaram a comprar lubrificantes especiais e, em algumas ocasiões, nem faziam sexo convencional: iam direto “lá pra trás”. Ela dizia que nunca tinha feito antes, que ele havia sido o primeiro. A estreia, de fato, foi quando chegaram ao apartamento dele meio chapados da noitada, deitaram e começaram a transar. Quando perceberam, o pau estava no cu e ela delirava. Aí não pararam mais.

— Por que você não me dá uma chupada pra gente começar tudo de novo?

Ela abriu um sorriso e começou a beijar o peito dele parando, às vezes, para tirar um pelinho da boca. Ele apagou o cigarro, se ajeitou na cama para receber o boquete.

Quando fechou os olhos, veio a imagem de Virgínia dançando na boate, um ano antes. De vestido vermelho, com aqueles cabelos amarelos... Ele não teria chance. Encostado no balcão, motivado pelas duas vodcas, decidiu dançar. Chamou um amigo, foram para o lado do grupo espevitado de garotas. A salvação foi uma seleção do DJ com músicas dos anos 60. Ele se dava bem nesse estilo. As garotas gostaram e, num momento, os olhares se cruzaram. Aqueles olhos castanhos, claros e brilhantes, aquele sorriso largo. Ele sorriu de volta, se sentindo meio idiota. Acabaram retornando até o balcão, falando amenidades e trocando telefones. Na despedida, ela lhe perguntou: “posso te ligar?”

— Posso te ligar?

— Ahn?

— Posso te ligar?

— Ah, hoje não... Não tou a fim.

Na cama, “ligar” era quando ela enfiava meio dedo nele. Naquela tarde, Luiz não queria “ser ligado”. A primeira transa tinha sido de um sexo convencional bom, ele por cima dela, segurando seus braços. Queria aquilo de novo, nem queria sexo anal. Mas sabia que ela queria — e ia fazer para agradá-la, claro.

— Vem cá me chupar.

— Vamos fazer um meia-nove...

O sol entrava pela janela do quarto, direto para a cama. E lá estavam os dois, um chupando o outro como num filme pornô vagabundo, sem diretor de fotografia.

— Vem cá, me pega por trás.

— Você não tá com esse problema aí... da hemorroida?

— Tudo bem, pode até sangrar ou doer um pouquinho... Mas eu quero.

— Tá bom.

Ela ficou de quatro, abriu bem as pernas. Ele passou os dedos da mão direita na língua, esfregou naquele cuzinho rosado e dirigiu o pau para lá. Colocou devagar, começou a fazer pequenos movimentos, e enfiou tudo.

— Põe a mão na frente — pediu ela.

Geralmente ela pedia para ser manipulada quando iam “lá por trás”. E era difícil para ele ficar naquela posição e ainda masturbá-la. Mas ela gostava tanto e ele queria dar prazer para ela, então fazia. Durou poucos minutos, até ela estremecer e gozar. Caiu para o lado, um pouco de sujeira e sangue no pau dele, na bunda dela.

Ele ainda não tinha gozado, então masturbou-se sobre os peitos dela e acabou jorrando um pouco no pescoço. Escorreu pelo

ombro, caiu no lençol. Ele também se deitou. O sol estava forte e ambos suavam.

— Não posso mais ficar sem esse pau no meu cu.

— Será que não faz mal?

Um instante de silêncio.

Ela se levantou e foi tomar banho, depois ele também foi. O quarto tinha um cheiro forte de sexo, esperma, merda, perfume, suor e cerveja. Eles tinham tomado uma latinha cada um e elas estavam ao sol, evaporando os resquícios.

No dia seguinte, viria a empregada e daria um jeito na bagunça.

• • •

Era segunda-feira, o sol brilhava e ele acordou com o rádio-relógio naquele quarto fedido. Levantou, abriu a janela, pensou em tomar banho, mas preferia ganhar tempo e beber um café no posto de gasolina, na esquina do escritório. Também queria sair antes que a empregada chegasse, não gostava de cruzar com ela. Deixou a grana em cima da mesa, colocou uma roupa qualquer e desceu as escadas bem sonolento, tropeçando nos degraus. Demorou um pouco para conseguir ligar a moto e saiu zunindo pela avenida. Lembranças boas da tarde de domingo com a namorada em seu quarto.

No posto, os mesmos rostos de todos os dias. Tinha aqueles dois caras engratados que estavam sempre falando baixo, parecendo trocar confidências. Ambos de bigodes extremamente aparados. Ele ficava matutando sobre o que levava um cara a manter bigodes como aqueles. Devia dar um trabalho danado aparar sempre e, hoje em dia, bigodes estão totalmente fora de moda, pensava.

No escritório, foi para o banheiro, tirou a escova e o creme dental da mochila, escovou os dentes, passou água no cabelo, apro-

ximou-se do espelho para espremer uma espinha. Vinte e nove anos e ainda tinha espinhas. Pele ruim.

Sentou em sua mesa para mais um dia de conferência de balancetes e brigas com os contínuos. Desconfiava que os dois moleques fumavam maconha no banheiro e acabavam sempre se atrapalhando com as contas nos bancos. Mais um dia de comida ruim no *self-service*. Segundas são sempre ruins, as horas não passam, os colegas querem contar as peripécias do final de semana e ele só queria cumprir o horário e fugir dali.

• • •

Virgínia acordou mais cedo do que o normal. Tomou um banho demorado e demorou também para se maquiar, retocar as unhas, vestir-se. Despediu-se da mãe e foi para o ponto de ônibus. O ponto era bem próximo de casa e o ônibus a deixava a um quarteirão do trabalho. Ela era jornalista, estava no começo da carreira apesar dos vinte e quatro anos. Demorou para completar a faculdade; muitas festas, muita loucura. O pai morreu no meio do processo, ela teve que trancar a matrícula e voltar um ano e meio depois. Também teve que trabalhar duro no comércio, vendeu sapatos. Estava no jornal há poucos meses, na checagem de informações.

Naquela manhã, foi uma das primeiras a chegar. Antes mesmo de ligar o computador para ver os *e-mails* pegou o livreto dos médicos conveniados no plano de saúde. Estava decidida sobre a operação e queria que tudo acontecesse antes do final do ano — e já estavam em novembro.

Achou um médico, anotou o nome — Júlio — e o telefone num *post-it*, pregou no computador e ligou. Ninguém atendeu. Oito e pouco da manhã, não devia ter ninguém no consultório. “Deixa pra mais tarde”.

A tela acendeu, os *e-mails* começaram a chegar, acumulados no fim de semana. Cerca de meia dúzia eram de Ana, uma publicitária que tinha dividido aulas com Virgínia na faculdade e mantinha uma certa obsessão por ela. Na verdade, em uma daquelas festas, ambas bêbadas, chegaram a dar uns beijos. Virgínia sentiu nojo, depois. Mas Ana, embora muito suave e simpática, não deixava de enviar *e-mails* e, às vezes, até ligava para Virgínia propondo um chope, um teatro, um passeio. Algumas mensagens eram apenas encaminhamentos de brincadeiras e piadinhas de Internet. Ela não leu nenhum dos *e-mails* de Ana; apagou-os sem dó. E foi fazer o seu trabalho.

• • •

Eram cinco da tarde e o telefone direto de Luiz tocou. Era Virgínia dizendo que já estava saindo, que eles não iriam se ver naquela tarde pois ela ia até o doutor Júlio: tinha conseguido uma consulta para o mesmo dia e isso era incrível. Nada como ser jornalista em uma cidade pequena.

Ele ficou um pouco chateado, estava um calor dos diabos e pensou que talvez pudesse encontrar a namorada para uma cerveja. Aceitou o convite dos amigos do escritório para tomar umas e jogar bilhar num barzinho ali perto, depois do expediente.

• • •

Logo cedo, na terça, novo telefonema de Virgínia — ela estava alterada.

— Lu, quero almoçar com você, preciso falar com você.

— Calma. O que aconteceu?

— Tem que ser pessoalmente.

• • •

Luiz saiu mais cedo para o almoço, estacionou a moto no pátio do jornal e a moça já estava lá, esperando, com ar de preocupação. Era melhor que não fossem em restaurantes, não ia dar para conversar direito.

— Vamos até a praça, a gente compra um lanche, senta num banco...

— Tá bom.

A ansiedade dele era grande e Virgínia não conseguia olhá-lo nos olhos. Luiz sentia que ela estava constrangida. Será que queria terminar? Teria conhecido outra pessoa? Não, pensou. Até domingo os dois estavam ótimos... “Ontem ela foi ao médico...” Seria algo relacionado ao médico? Com certeza.

Sentaram-se num banco da praça central. Estava calor. Ela olhou bem para ele.

— Eu vou te contar algo muito estranho.

— Tudo bem.

— Você vai ter que me jurar agora que não vamos brigar por causa disso e que você vai fazer um esforço enorme pra entender...

— Tá bom.

— Eu não precisaria te contar, você nunca ia saber. Mas eu tenho que contar, foi algo estranho e quero dividir isso com você porque eu... amo você.

— ...

— Jura, então.

— Tá bom, eu juro.

— Eu fui lá no médico ontem... Cheguei já era perto de cinco e meia e não tinha mais nenhum paciente, a secretária estava me esperando e, assim que eu cheguei, ela foi embora...

Virgínia corou um pouco, um calor subiu pela face de Luiz.

— Não sabia, não conhecia, nunca tinha ouvido falar nesse doutor Júlio... Foi o primeiro nome entre os proctologistas no caderninho do convênio. Ele veio me atender, muito simpático. Conversamos um pouco, falei do trabalho e tal...

Luiz arqueou as sobrancelhas esperando o pior.

— Eu disse pra ele que tinha um pouco dessa... hemorroida e queria operar. Ele perguntou se me incomodava quando ia ao banheiro e eu disse que não, quase nunca. Doía um pouco depois de transar com meu namorado. E no dia seguinte, às vezes...

— Precisava explicar tudo isso? Não era só dizer “quero operar” e pronto?

— Não, porque em alguns casos não operam, usam apenas uns remedinhos, pomadas...

— ...

— Ele pediu pra que eu fosse até o biombo, tirasse a roupa e colocasse um jaleco.

— Filho da puta!

— Não! Tudo bem! É claro que eu ia ter que mostrar pra ele. Isso eu já sabia, estava preparada...

— Não achei que você fosse empinar a bunda pra ele... Eu teria ido junto.

— Não quis te pedir para ir junto; você ficaria constrangido, com certeza.

— ...

— Mas ele era muito profissional, não ia brincar com uma jornalista, certo?

Luiz começou a não entender. Primeiro achou que o doutor talvez pudesse ter dado em cima dela. Depois, que talvez ele tivesse diagnosticado algo mais sério do que hemorroidas. Agora estava perdido.

— Eu fui até a maca, deitei com a barriga pra baixo, como ele pediu. Com cuidado, ele foi até o jaleco, levantando calmamente e

pedindo permissão. Eu estava bem relaxada. Ele colocou as mãos na minha bunda, abriu um pouco... E aí aconteceu!

— O quê?

— Eu fechei os olhos, meu coração disparou e foi como se eu tivesse feito xixi, de tanta excitação. Fiquei totalmente molhada, minhas mãos suavam... Não sei explicar, Luiz. Calma...

Ele estava totalmente perdido, a cabeça rodava, não sabia mais o que esperar da história.

— Eu não sei o que aconteceu, mas nunca, em toda minha vida, tive um momento de excitação... daquele jeito. Quase desmaiei. Ele me tocava com intenção médica e logo ali, um pouco embaixo de onde ele apalpava, estava minha... minha buceta... que pulsava... Eu nunca tinha sentido isso...

— E aí, Virgínia? Pelo amor de Deus!

— Ele percebeu, claro. É homem, sentiu o cheiro, sem querer tocou um pouco lá embaixo e sentiu o molhado. Acho que escorreu e molhou o lençol da maca. Escorria pelas pernas, Luiz, não estou brincando...

— E aí?

— Os bicos dos meus seios estavam duros como pedra... Eu fui subindo um pouco, levantando um pouco a bunda... Eu não sabia o que estava fazendo, estava totalmente fora de mim. Fui me levantando para abrir um pouco as pernas e me... refrescar...

— ...

— Eu virei pra trás e o doutor Júlio estava me observando, parado, lívido! Eu olhei bem pra ele e... e... pedi pra ele me comer!

— Ahn?

— Eu falei que ia ser estranho e difícil e não estou dizendo que não tenho culpa... Quero dizer que a culpa não foi dele, ele foi legal...

— Ele foi legal? Como assim?

— Eu olhei pra ele e pedi pra ele me comer. Falei... coloca seu pau aí atrás. Ele abaixou as calças e colocou. Mexeu um pouco, eu gozei, acho que ele nem gozou...

— Vi... Eu não acredito!

— Eu não vou mais voltar lá, não quero encontrar esse cara nunca mais.

Luiz teve um pouco de ânsia, achou que fosse vomitar. Imaginou a namorada de jaleco azul sendo enrabada pelo médico de camisa branca, calça arriada.

— Eu não sei o que pensar, não quero te ver nunca mais! O que você fez foi horrível! Você podia... ter se controlado!

— Eu tentei, Luiz, juro que tentei. Eu sei que é difícil pra você, mas não significou nada! Queria que naquele momento de tensão... fosse você e não ele quem estivesse ali.

— É incrível! Você é uma puta!

— Não. Eu te amo tanto que queria operar pro nosso sexo ficar ainda melhor. Estou te contando isso porque quero me livrar dessa experiência ruim, quero que você me ajude de alguma maneira... Principalmente ficando comigo. Se não te contasse, você jamais ia saber.

— Eu vou embora agora e você não me liga mais!

Luiz saiu meio que correndo. Virgínia ficou no banco chorando por alguns bons minutos. Nenhum dos dois almoçou ou jantou naquele dia.

• • •

A tarde foi infernal para Luiz. Havia só aquela imagem da traição em sua cabeça e mais nada. Não falou com os colegas, saiu em cima do horário e voou para casa. Botou um disco triste e bebeu até dormir no sofá.

• • •

Virgínia estava perturbada, tinha que falar com alguém sobre o ocorrido. Pensou em várias possibilidades, várias amigas. Não dava para ser uma das jornalistas — elas não eram confiáveis. Depois de um ano namorando, tinha se afastado de suas melhores e antigas amigas. E a dificuldade se ampliava quando imaginava que tinha que contar sobre a hemorroida e sobre o sexo anal e...

Ela balançava a cabeça se perguntando o que estava acontecendo.

Sem ninguém para conversar, foi para casa e assistiu à TV com a mãe até tarde da noite. Às vezes, olhava demoradamente para a mãe, questionando se já havia acontecido algo semelhante com ela. Não, certamente não. Essas coisas não acontecem com mães.

• • •

Luiz tinha uma tendência melancólica: diante de um dilema, se fechava e ficava matutando, não conseguindo se concentrar em mais nada. Não tinha vontade de falar sobre o problema — ainda mais num caso como aquele. O pessoal do escritório o conhecia, sabia que tinha algo errado. Alguns tentaram mesmo se aproximar e ajudar. Mas ele dizia que não era nada.

Deixava o trabalho, ia para o apê, bebia um pouco, via TV e não tinha nem tesão para se masturbar. Só uma imagem fixa vinha-lhe à mente: a namorada com o médico.

Virgínia já era mais prática e sua profissão necessitava de mais envolvimento e disposição; deixava de lado a história, voltava o foco para a checagem de informações, para a redação das sinopses dos filmes. Os colegas não perceberam nada errado, exceto, talvez, pela ausência de telefonemas para o namorado. Mas ninguém se abalou em perguntar.

Por outro lado, sentia que precisava contar para alguém, pedir uma opinião, desabafar. Dizer que sentia falta do namorado. Mas, num caso como esse, quem escolher para contar uma traição? Ainda mais uma traição tão despropositada, tão... inconsequente?

Nas horas vagas, quando ia para o jornal ou voltava para casa, ou no banho ou no jantar com a mãe, ficava sempre pensando: “com quem posso falar sobre isso?”

Coincidentemente, nesse período, a hemorroida inchou. O que antes era um pequeno incômodo, que talvez nem precisasse de cirurgia, virou um problema real. Poucos dias depois da fatídica consulta com o doutor Júlio, ao evacuar, percebeu um pouco de sangue e sentiu muita dor. Estava também com o intestino preso, como sempre.

Virgínia e Luiz passaram quase duas semanas assim. E um dia, num mesmo dia, ambos encontraram interlocutores para suas aflições.

• • •

Ele deu partida na moto e lembrou que não tinha colocado gasolina no dia anterior — mas achou que dava para chegar ao posto. Mal saiu do estacionamento do prédio e a moto parou. Empurrou-a de volta para o prédio e correu para o ponto, para pegar um ônibus. Chegou atrasado ao trabalho.

Tinha esse cara no escritório, ele também se chamava Luiz. Cuidava do RH das empresas, quase não tinha muito contato com o outro Luiz, o nosso. Esse quase não ia para as bebericagens depois do expediente, era mais velho, batendo nos cinquenta, separado, uma filha universitária de vinte e pouquinhos, que morava com ele. Deixava o trampo e ia para casa preparar algo para a filha comer antes de ir para a faculdade. Às vezes, os dois Luízes conversavam no almoço, mas sempre futilidades como futebol ou política.